DEMARCAÇÕES PROSÓDICAS NA ARTICULAÇÃO TEXTUAL DE CONSTRUÇÕES CONCLUSIVAS COM A FORMA ENTÃO

PROSODIC CONFIGURATION IN CONCLUSIVE RELATIONSHIP OF "THEN"

Norma Barbosa Novaes Marques[1]

RESUMO: Este estudo analisa a relação conclusiva que se realiza por meio de "então". Para tanto, utiliza o aparato teórico da perspectiva Textual-Interativa (Jubran, 2007). Como universo de pesquisa, foram selecionados dados do *corpus* denominado "Português oral", que traz amostragens das variedades do português falado em Portugal, Brasil, Cabo Verde, Guiné-Bissau, Moçambique, São Tomé e Príncipe e Timor-Leste. Os resultados das análises permitem concluir que há correlação entre a configuração prosódica do enunciado e o escopo de "então" quando estabelece relação conclusiva.

Palavras–chave: Construções conclusivas; prosódia; português brasileiro.

ABSTRACT: This study analyses the conclusive relation when performed by the "then" traditionally denominated conjunctions. To achieve this objective, this work uses Textual-Interativa (JUBRAN, 2007) as a referential. The *corpora* concerns data from the corpus denominated "Oral Portuguese", which brings samples from Portuguese spoken in Portugal, Brazil, Cape Verde, Guinea-Bissau, Mozambique, Sao Tome and Principe and East-Timor. The results of the analysis indicate that there is a correlation between the prosodic configuration of utterances and the scope of "then" when it establishes conclusive relationship between sentences.

Keywords: Conclusive Constructions; Prosody; Brazilian Portuguese.

Os estudos sobre articulação textual há tempos são objetos de pesquisa na área dos estudos linguísticos, no entanto, estão longe de sua finalização, tendo em vista que cada vez mais há novos trabalhos lançando luz sobre a discussão. Dentre as várias perspectivas que abordam o assunto, a perspectiva Textual-Interativa (JUBRAN, 2007) tem se despontado nesses estudos, trazendo contribuições para a compreensão do fenômeno.

Este trabalho, a partir dessa perspectiva, pretende trazer mais uma contribuição para esse campo de pesquisa, ao se debruçar sobre um recorte específico: a articulação conclusiva por meio da forma *então*, com base nos estudos de RISSO (2006), porém possibilitando um avanço, ao abordar não apenas aspectos relativos à análise

[1] UNIESP – São José do Rio Preto, Doutora, nb.novaes@uol.com.br.

sintático-semântico-pragmáticas, mas, sobretudo, com o importante olhar para o dado prosódico. Nesse sentido, este trabalho se propõe a discutir a relação conclusiva construída com o uso da forma *então*, partindo de uma análise que envolve o processo de articulação textual, notadamente a caracterização prosódica que marca essa relação.

Para análise dos dados, foram selecionados os dados obtidos no *corpus* denominado "Português oral",[2] que traz amostragens de variedades do português falado gravadas em lugares, datas e situações diversificadas, desde conversas informais entre pessoas conhecidas ou entre amigos e familiares, até mais formais como, por exemplo, as de programas radiofônicos. São textos exemplificativos do português falado em Portugal, Brasil, Cabo Verde, Guiné-Bissau, Moçambique e São Tomé e Príncipe, Macau, Goa e Timor-Leste. As gravações abrangem um período de tempo que vai de 1970 a 2001, com incidência de cerca de setenta por cento na última década. Para este estudo, restringiu-se apenas à variedade brasileira, ficando a comparação entre as variedades para um estudo posterior, o que poderá revelar semelhanças e divergências no uso da língua portuguesa falada nos países lusófonos.

A metodologia adotada para análise dos dados segue os seguintes passos: i) seleção e descrição das ocorrências em que o elemento *então* aparece em construções conclusivas; ii) audição das ocorrências selecionadas, para verificarem-se semelhanças e/ou diferenças que possam indicar traços distintivos entre as funções da forma *então* como construtor de conclusão frasal ou textual; iii) sistematização de tais diferenças, no intuito de se verificar em que sentido evidências prosódicas podem trazer uma explicação pertinente e esclarecedora sobre o comportamento prosódico do elemento em estudo.

A PERSPECTIVA DA GRAMÁTICA TEXTUAL–INTERATIVA

Segundo Jubran (2007), a Gramática Textual-Interativa (GTI) toma como base dois princípios norteadores: i) fatos linguísticos têm propriedades e funções definidas no uso, nas situações concretas interlocução, com mobilização de conhecimentos sobre como manter a interação social por meio de textos, de modelos de textos globais, saberes linguísticos, manifestando assim a competência comunicativa do usuário; ii) fatores interacionais são constitutivos do texto e inerentes à expressão linguística, de tal forma que as condições enunciativas que sustentam a enunciação verbal mostram-se no texto por meio das próprias escolhas comunicativamente adequadas à situação interativa.

Um aspecto que também fundamenta essa perspectiva é o fato de não ter um olhar categórico sobre a língua, de forma a impor regras fechadas, mas tomar como foco as regularidades relacionadas ao processamento dos procedimentos de elaboração do texto, analisando as marcas formais e o preenchimento de funções textual-interativas proeminentes que indicam o caráter sistemático do fenômeno pela recorrência em contextos definidos, de acordo com a autora.

[2] Disponível em: <http://www.clul.ul.pt/sectores/linguistica_de_corpus/projecto_portuguesfalado.php>

Assim, mantendo a linha de um pensamento não polarizador, ao considerar as funções textual e interativa, a GTI não dicotomiza essas funções, mas as vê de forma conjugada, com observância do predomínio de uma ou de outra, considerando-se um contínuo cujos parâmetros comportam elementos com função dominantemente de organização, condução, manutenção ou quebra do fluxo de informação, e elementos predominantemente focalizadores das circunstâncias enunciativas, apresentando assim fluidez de limites nas classes de elementos, portanto, sem categorias discretas de elementos (JUBRAN, 2007).

O trabalho em apresentação toma como pressupostos tais princípios, e assim pretende discutir como essa visão teórica propicia uma análise que fundamenta a análise da forma *então* como articulador textual de conclusão. Para tanto, recorre-se às pesquisas de Risso (1996 e 2006), que, na perspectiva da GTI, descreve, dentre outros aspectos, o uso da forma *então* no português, apresentando um estudo bastante interessante e profundo a respeito desse elemento, que será tomado como base para reflexão e, posteriormente, o ponto de partida para mais uma contribuição.

De acordo com Risso (1996), há itens linguísticos com valor discursivo que atuam na organização da informação, na estrutura ideacional do discurso, estabelecendo relações coesivas entre partes do texto, por meio do processamento de encaminhamento, retomadas, fechos e reformulação de tópicos.

O tópico discursivo, em síntese, é elemento definidor da estrutura de um texto: é responsável pela organização discursiva, uma vez que estabelece o fio condutor dessa organização, com duas propriedades básicas: i) centração, ou seja, a propriedade de concentração em determinado assunto, por meio de referentes explícitos ou inferíveis, que abrange os traços de concernência (relação de interdependência semântica entre os enunciados (implicativa, associativa, exemplificativa etc), relevância (proeminência desse conjunto) e pontualização (localização do conjunto focal em determinado ponto de uma passagem); ii) a organicidade do tópico, mais relacionada ao assunto, que se manifesta por meio de relações de interdependência em dois planos: o hierárquico, que diz respeito à dependência de super-ordenação de sub-ordenação entre tópicos determinados pelo grau de abrangência do assunto, e o sequencial, relacionado às articulações intertópicas em termos de adjacência ou interposição na linha discursiva (JUBRAN, 2007).

A organização do tópico, que interessa para o momento, pode ser observada em dois níveis: dentro do próprio tópico (intratópico) ou entre os tópicos (intertópico). No primeiro tipo de articulação, o elemento discursivo estabelece conexões circunscritas ao âmbito de um tópico específico, o que conduz à organização da sua estrutura interna. Já numa situação de articulação intertópica, o articulador discursivo tem como função sequenciar informações, marcando o modo como elas são apresentadas e desenvolvidas no texto.

O elemento *então*, segundo Risso, como articulador intratópico, assume as funções de retomada, encaminhamento e fechamento de tópicos; nessas situações, toma como base pronunciamento feitos anteriormente para dar progresso às informações subsequentes.

A RELAÇÃO CONCLUSIVA COM ENTÃO

A respeito da relação conclusiva, Lopes (2000) afirma que operadores conclusivos têm um significado do tipo instrucional: em uma estrutura do tipo p *portanto* q, o conector sinaliza que p é uma premissa e q uma conclusão, sendo p e q entidades epistêmicas que integram o universo cognitivo do falante e operam no domínio do raciocínio. Nesses casos, há um esquema inferencial defectivo em que uma das premissas não está explicitada, como pode ser observado em (01):

(01) As luzes não estão acesas, *portanto* o João não está em casa. (LOPES, 2000, p. 3)

Em casos assim, a própria relação conclusiva induziria à reconstituição da premissa implícita ("se/quando o João está em casa, as luzes estão acesas") que assume forma de construção condicional, sendo a premissa asserida "as luzes não estão acesas" o antecedente, enquanto "portanto João não está em casa", o consequente, na forma de uma conclusão. Essa premissa implícita deve fazer parte do conhecimento prévio do interlocutor para que se possa perceber a relação conclusiva. A autora afirma que, nas construções conclusivas, há uma relação de causa/consequência que opera no nível do domínio epistêmico: a conclusão assinalada pelo conector é uma inferência dedutiva legitimada pela articulação de uma premissa implícita com a premissa expressa.

Com relação à forma *então*, vários são os autores que a têm estudado, aqui mencionados apenas Pezatti (2001) e Risso (2006). Pezatti (2001) discute, dentre outros casos, a distinção entre os casos com valor temporal e aqueles que atuam como operador argumentativo de conclusão, como exemplificam (02) e (03):

(02) houve uma série de irre/ éh::de irregularidades... nas lis/ na apresentação da lista de classificaçao irregularidade foi engano... no no no fazer... na confecçao da lista... de de aprovados hou/ houv/ começaram a haver alguns enganos... *então* o pessoal que mand/ entrava com mandado de segurança... dizendo que foi contado pontos errados... enGAnos simples comuns eh aritmética (às vezes) de somar o número de pontos. (D2-SP-360:593).

Em (02), nota-se, segundo Pezatti, que *então* indica uma sucessividade entre o momento de detecção de erros e a entrada do pessoal com mandado de segurança, com traços de uma noção temporal. Na ocorrência a seguir, diferentemente, a autora afirma haver um valor de conclusão por inferência, sem noção temporal presente:

(03) hoje em dia se você depois passou uma época que você ia ao cinema tinha que ficar de pé numa fila eNORme... não é? *então* não era divertimento aquilo... era::eu acho que era nem divertimento (DID-SP-234:582)

Na perspectiva da GTI, Risso (2006) traz um olhar bastante interessante sobre a articulação com *então*. A autora enquadra esse elemento na classe dos marcadores discursivos, tendo em vista que apresenta uma estável preservação dos traços básicos do núcleo-piloto dos marcadores discursivos: é exterior a conteúdos proposicionais ou tópicos, sintaticamente independente e insuficiente para constituir enunciado completo por si próprio, além de conter marca específica de preenchimento da função textual de sequencialização tópica e manifestação mais tênue do jogo das relações interativas, se comparado com outros basicamente interacionais.

Coloca ainda como traços aditivos: alta recorrência, certa transparência de significado, invariabilidade formal ou variabilidade restrita, demarcação prosódica e constituição fônica restrita.

Neste trabalho, interessa-nos caracterizar a forma *então* como elemento de construção da relação conclusiva, mais especificamente, analisar a propriedade fonológica apontada por Risso, ou seja, a demarcação prosódica nas construções do elemento em estudo.

Risso considera a forma *então* como uma forma responsável pelo "amarramento textual de porção de informações progressivamente liberadas ao longo do evento comunicativo, simultaneamente, no encaminhamento de perspectivas assumidas em relação ao assunto, no ato interacional.". Especificamente, sem deixar de reconhecer a atuação na estrutura interpessoal do discurso, a ênfase é a sequenciação e a estruturação de informações, de orientação retroativa, atuando tanto na estrutura frasal (como advérbio de tempo, expressão de tempo e de ações motivadas entre si, representação lógico-semântica da decorrência, conclusão ou resultado) quanto em porções maiores do texto (na organização tópica, tanto intratópica — encaminhar, fechar ou retomar — como intertópica, na dinâmica de turnos e como operador argumentativo no diálogo). Constitui, segundo nomenclatura da autora, sequenciador textual de orientação retroativa, tendo em vista que sequencia o texto, mas sempre ancorado em porção anterior.

Com base nas considerações de Pezatti (2006) e Risso (2001), este trabalho aborda casos em que o elemento *então* atua na construção de relações conclusivas, seja como conector frasal, representando essa relação lógico-semântica, seja como articulador textual interativo, atuando como articulador intratópico de fechamento do tópico e expressando uma dependência estreita entre argumentos, associada à esfera conclusiva também.

Então, como conector frasal conclusivo, articula orações que se integram em unidades frasais, em uma relação de implicatividade, como a seguir:

> (04) Buda já dizia isso isso também... *então* isso não é novidade para ninguém não é verdade? (RISSO, 2006, p. 451)

De acordo com Risso (2006), observa-se uma relação argumentativa, com uma conclusão a partir de dois atos de fala anteriores: "Buda já dizia isso também" (explícito) e "Todos conhecem a afirmação de Buda" (implícito), os quais sustentam a argumentação conclusiva ("isso não é novidade pra ninguém").

Por outro lado, como articulador textual-interativo, a autora o considera como elemento com forte fundo comum na orientação remissiva retroativa e na linearidade expositivo-argumentativa, com:

> [...] constante ancoragem em instância preliminar do discurso, para daí depreender o rumo da sucessão das informações dadas mais à frente, desencadeia nexos coesivos entre partes do texto, à semelhança do que ocorre entre segmentos da frase. Além disso, tanto na esfera da frase quanto do texto, essa característica de remissão anafórica, comum ao advérbio e ao marcador, cria, com respeito à informação a ser introduzida por então, um efeito de previsibilidade: a expectativa que automaticamente aparece, a partir do uso desse articulador, é de algo a ser posto no discurso, em continuidade ou consonância com o que já é dado, sempre na mesma linha de argumentação antes delineada. (RISSO, 2001, p. 456)

Dentre os aspectos textuais elencados pela autora, destaca-se aqui a atuação no plano intratópico de fechamento de tópico, expressando uma dependência estreita entre argumentos, associado à esfera de conclusão, como explica a autora, com base em (05):

(05) mas acho válido você bota a criança o mais cedo possível na escola... .esse problema de puxar pela criança —"Ah... não deve puxar pela criança"— eu acho que isso não funciona muito ... porque a criança vai a maternal somente pra brincar ... ser educada ... aprender a fazer coisas que em casa a mãe às vezes ... não tem condições de ensinar -- como eu -- eu não tinha condições de ensinar muita coisa a ela ... porque eu m/passo o dia inteiro na rua trabalhando — então ... ela na escola aprendeu muita coisa que eu não tive condições de ensinar a ela: ... aprendeu a comer não é ... sozinha porque eu ainda dava comida na boca ... aprendeu a fazer xixi dela no sanitário ... que ela não fazia ... fazia na fralda ... *então* ... eu acho válido botar a criança o mais cedo possível na escola.

Observa-se que o marcador *então* tem a função de retroagir para todo o trecho anterior e ainda fecha o ponto de vista já explicitado ("*então*... eu acho válido botar a criança o mais cedo possível na escola") com efeito de conclusão respaldada no pronunciamento anterior, que é suporte da afirmação final, marcando a relação entre o trecho anterior e o posicionamento do locutor.

Assim, o escopo de *então* pode ser a totalidade do evento discursivo, seja uma oração, em (04), uma oração, ou uma porção textual maior que a oração, como em (05).

A RELAÇÃO CONCLUSIVA COM ENTÃO: DELIMITAÇÕES PROSÓDICAS

Um estudo de natureza prosódica procura necessariamente verificar a interface entre a fonologia e outros componentes da gramática, mediadas pela prosódia. Dentre os possíveis modelos disponíveis para um estudo prosódico, aqui a opção foi pelo de Nespor &Vogel (1986), que propõem que o componente fonológico não pode ser analisado como um sistema homogêneo, mas como um subsistema de interação governado por princípios próprios, em que cada constituinte prosódico tem um domínio de aplicação de regras fonológicas e processos fonéticos específicos. Tal proposta considera que o componente fonológico não é autônomo, pelo contrário, suas regras são sensíveis às informações apresentadas na estrutura.

No tocante à representação fonológica, as autoras propõem a existência de sete domínios que constituem uma hierarquia, mas, para este trabalho, importam dois domínios: Frase Entoacional e Enunciado Fonológico. A Frase Entonacional (I) é o agrupamento de uma ou mais frases fonológicas dominadas por um contorno entonacional, delimitado geralmente por pausas, enquanto o Enunciado Fonológico (U), constituinte mais alto da hierarquia prosódica, é composto de uma ou mais Frases Entonacionais (corresponde a uma estrutura oracional completa) no qual informações fonológicas, sintáticas, semânticas e pragmáticas se integram.

Segundo as autoras, na Frase Entonacional, informações sintáticas e semânticas são bastante mobilizadas, além de fatores como velocidade da fala e estilo, uma vez que podem determinar os contornos de um enunciado. O limite coincide com uma

pausa, que não precisa ser necessariamente um silêncio, mas uma mudança prosódica perceptível, tal como uma mudança na frequência. Geralmente, corresponde a um constituinte sintático, mas não há isomorfia obrigatória. Assim, a pausa delimita esse domínio.

Tenani (2001), em análise dos constituintes prosódicos no PB, esclarece aspectos fundamentais para a identificação da Frase Entonacional, descritos em (i) e (ii):

(i) Quando ocorre uma pausa entre *Is*, além da pausa, ocorre um tom de fronteira um "tom continuativo" ou "suspensivo", como em (5.2), o que caracteriza o fim de uma asserção neutra.

(5) 1. [[A Alice vai pra Souzas,] *I* [apesar de haver riscos.] *I*]*U*

alisI vai pRa souzas / apezaR dZIaveR xiskus

LH* L* LH* Hi L* HL* Li

Tom continuativo.

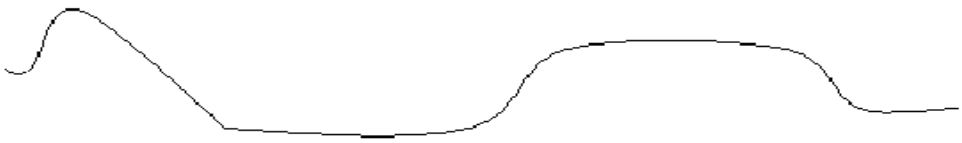
2. [[A Marina não acredita,] *I* [mas eu vi um disco voador.] *I*]*U*

a maRina nÎâU akRedZita mazeU viuâ diskU vUadoR

LH* H L* L* L* HL*

(ii) Quando não há pausa entre *Is*, podem entrar em cena duas estratégias entoacionais que delimitam os *Is*: a) a mudança de tessitura, como exemplificado em (6), casos em que, predominatemente, a relação entre as sentenças que formam dois *Is* não é expressa por um item lexical.

Mudança de tessitura



(6) [O PÊssego,]I [apeSAR do PREço no merCAdo,]I [apresenTOU BONS resulTAdos]I

(b) a queda ou subida brusca e profunda de F0 em relação à linha de base da altura utilizada pelo falante, como indica (7), em que a variação brusca da altura se verifica na fronteira de *I* que não coincide com o fim do enunciado fonológico, casos em que a relação semântica ou sintática é lexicalmente assegurada entre as sentenças que constituem dois *Is*.



(7) [ApeSAR de haVER RISCos,]I [a ALIce VAI pra SOUzas.]I

No que concerne ao Enunciadmo Fonológico, a autora propõe que seja caracterizado como o domínio em que se dão as relações entre *Is*. As variações da altura identificadas como típicas do domínio *I* se observam quando esses *Is* pertencem a um mesmo *U*.

Considerando as conclusões da autora, aqui tal aplicação será transposta para os casos em que as relações construídas pela forma *então* apresentam características entoacionais cujos domínios são Frase Entoacional e Enunciado Fonológico. Assim, pretende-se estabelecer uma relação com as observações da pesquisadora.

Observem-se as ocorrências a seguir, em que (08) exemplifica a relação entre Frase Entoacionais, enquanto (09), entre Enunciados Fonológicos:

> (08) [[o terreno da fazenda era muito grande]*I* [*então* foi loteado uma parte]*I*]U. (Bra-Fazenda:19)
>
> (09) [[e esse fogão da fazenda é uma maravilha]*I* [conservado por uma empregada antiquíssima]*I*]*U*. [[*então*, o grande… prazer dela é]*I* [depois que termina toda função de alimentação] *I* [e de alimentar aqueles vândalos]*I* [de… arear os metais, passar brasso]*I*]*U* (Bra-Fazenda:12)

Em (08), há uma pausa entre as *Is* e tom de fronteira continuativo, enquanto em (09), há pausas mais longas entre os *Us* e tom de fronteira final. As pausas presentes evidenciam dois tipos de relação: em (08), há uma relação entre duas orações, numa relação de causa/consequência, constituindo uma única Frase Entoacional, ao passo que, em (09), a relação se estabelece entre porções textuais maiores, entre Enunciados, com introdução de outro Enunciado que encaminha o tópico.

É interessante notar que há ocorrências em que há repetição exata das estruturas que contém *então*, mas que se diferenciam quanto à prosódia, especificamente quanto à pausa e ao tom, como demonstra (10), concentrando os dois casos:

> (10) [[o fundo da piscina deu defeito]*I* [tiveram que esvaziar]*I* [e pi… , e pintar] *I* e limpar]]*U*[[aí perceberam que estava toda quebrada]*I*[*então* resolveram tirar]*I*[porque a piscina natural é toda de pedra]]*U* [[*então* resolveram tirar aquelas pedras e botar um cimento]]*U* [[quando começaram a, a tirar a parte, a parte externa]*I* [começaram a perceber que tinham mais pedras para dentro]*I* [todas, eh, manuseadas]I]*U*

Na primeira ocorrência, *então* relaciona duas Frases Entoacionais, com pausa breve e o final do primeiro com tom ascendente, enquanto, na segunda, dois Enunciados, com pausa mais longa e o primeiro com tom descendente. Aqui se confirma que questões de ordem prosódica dão evidências de como o texto se organiza, para revelar relações mais integradas, como em (08), ou então mais frouxas, como (09).

Como já observado, neste trabalho, propõe-se a análise de ocorrências em que a forma *então* estabelece relações conclusivas entre orações ou entre grandes porções textuais, a fim de verificar em quem medida dados prosódicos ajudam a compreender como se organiza o texto.

DEMARCAÇÕES PROSÓDICAS NA ARTICULAÇÃO TEXTUAL DE CONSTRUÇÕES CONCLUSIVAS COM A FORMA ENTÃO

Como discutido, *então* pode organizar o texto tanto no da frase quanto no do texto. A análise dos traços prosódicos desses dois casos revelou uma nítida diferença: i) quando a relação é entre frases, em uma estrutura do tipo oração *então* + oração, o escopo de *então* é a Frase Fonológica; ii) na relação entre várias frases e uma conclusão, a estrutura é do tipo porções textuais + *então* + oração, entre Enunciados Fonológicos. Dessa forma, pode-se concluir que que não é a apenas a função semântica que determina a distinção de atuação, mas sim o processo de construção do texto, no que diz respeito ao modo como os trechos são articulados entre si.

Assim, foram encontradas duas estruturas que revelam a integração entre as partes do texto com uso de *então* conclusivo:

i) como conector frasal: [[oração] *I* [*então* + oração]]U, composta de pausa breve e tom ascendente na primeira oração, expressando continuidade.

ii) como conector entre porções textuais: [porções textuais]U + [*então* + oração]U, composta de pausa mais longa e tom descendente na primeira porção, expressando fechamento.

Como exemplo do primeiro caso, observe-se (11) e (12):

> (11) porque eu acho assim: a mulher não serve para o homem, larga. [[aí]*I* [quando um casal chega a ponto de partir para a agressão]*I* [eu acho que já não dá mais para viver junto]*I* [*então* cada um para o seu lado]*I*[*U*. (Bra - Gosto Dela: 32)

Percebe-se que *então* se projeta para o enunciado anterior "eu acho que não dá mais pra viver junto", para daí depreender a conclusão "cada um para o seu lado", fato marcado pela organização prosódica, em que não há uma pausa demarcativa de quebra longa entre enunciados, mas sim um tom de continuidade, revelando a ligação mais forte entre ambos.

Em (12), é interessante notar que, em uma primeira leitura, sem se recorrer à audição, pode-se pensar que o enunciado "eu acho que a minha mulher apareceu na hora exacta para mim" seria a conclusão de todo o enunciado anterior, de uma sequência de frases. No entanto, a frase "e realmente eu não estava numa legal com eles" resume a sequência, para daí então apontar a conclusão, fato evidenciado pelo fato de a construção com *então* fazer parte de um novo Enunciado Fonológico, que a separa do anterior.

> (12) eu me juntei com a minha mulher, eu não estava numa boa em casa, [[a senhora sabe]*I* [a situação estava periclitante para mim]*I* [que eu sempre briguei muito com meu padrasto]*I]U* [[e realmente eu não estava numa legal com eles]I [*então* eu acho que a minha mulher apareceu na hora exacta para mim]*I]U*. mas não foi por causa disso que eu me juntei com ela nem nada. (Bra:Gosto Dela: 15)

Diferentemente, em (13), a seguir, o que se detecta, na audição do material, é que a Frase Entoacional que contém esse elemento está em outro Enunciado Fonológico, como exemplificam as ocorrências a seguir:

(13) [aconteceu que em mil novecentos e dezessete, a União Soviética, a Rússia, ela tinha uma relação de produção eminentemente feudal, onde havia os czares e havia os servos]U. [então o que é que havia ali?]U [havia uma contradição muito grande, muita riqueza e muita probreza]U [daquela contradição houve choque, choque de interesse, e deu-se uma nova relação, que foi a relação de produção socialista.]U

- [hum]U

- [[*então* é produto histórico]I [como Cuba também era]I]U. Cuba em mil novecentos e cinquenta e sete o que é que era? (Bra87: EconomiaSociedade)

O Enunciado Fonológico "então, é produto histórico, como Cuba também era", é uma construção conclusiva introduzida por *então* para fechar a argumentação, baseada em todo o pronunciamento anterior, após explicar o contexto histórico ocorrido em uma determinada época, revelando assim o posicionamento do locutor a respeito do tema em discussão. Note-se que o escopo de *então* abrange não apenas a frase anterior, mas o conjunto de informações que se distribui na forma de vários Enunciados Fonológicos, como ocorre também em (14):

(14) [aí a gente chamou todos ele lá dentro, foi maravilhoso]. [aquilo que era para ser só uma cervejinha que era o combinado acabou assim saindo em pizza, não é]U [, acabou em pizza como fala o ditado realmente]U [e ficamos ali até meia noite e meia, quer dizer, cada um tinha seu compromisso, seu, a esposa esperando]U [eu não, é lógico]U [mas eles tinham]U [e foi muito gostoso porque a partir dali nasceu uma amizade mais gostosa com o professor]U [além de ele ser o professor, ele foi o amigo da gente] [então quer dizer muito mais evento desse deveria acontecer]U [não só com eles em si mas com a família deles, tudo]U [nós, como eu te falei vira uma família, a escola]U [*então* foi gostoso]U (Bra93: Festa Estudante)

Percebe-se aqui que o falante, após explicar os fatos que aconteceram naquele período, fecha o tópico com a conclusão "foi muito gostoso", manifestando seu ponto de vista já exposto a respeito dos episódios narrados", afirmação que não tem como escopo a frase anterior, mas o conjunto de afirmações precedentes.

Fato semelhante verifica-se em (15) a seguir, em que o ponto de vista do falante na forma de uma conclusão baseia-se em todo o discurso anterior.

(15) [é uma pena que o dia que você mostrou o filme, "Ghost", não é, eu estava hospitalizada]U [mas foi uma pena porque todo mundo falava de você na classe. que realmente você incentivou para caramba, que além de você mostrar o filme, não foi assim só para a gente ver o filme]U [teve um fundamento]U [você fez aprender, ensinar para a gente também, vendo o filme e a letra da música]U [pena que não deu, que o horário da aula foi muito pouco, não é, para gente assistir o filme inteiro, para o pessoal assistir que eu não assisti]U [*então* foi assim superlegal]U (Bra93: Festa Estudante)

Em resumo, a análise mostra que, nas ocorrências em que se estabelece uma relação entre Frases Entonacionais, *então* estabelece a relação conclusiva entre orações apenas, enquanto como articulador textual de conclusão, fechando o tópico e sequenciando as informações passadas e as por vir, a extensão de sua atuação é o Enunciado Fonológico.

Assim, em relação ao objetivo central deste trabalho, ou seja, caracterizar a relação conclusiva criada pela forma *então* a partir de uma análise prosódica, é possível concluir que, quando há essa relação semântica presente, o domínio prosódico pode ser tanto a frase como porções textuais maiores, o que confirma a proposta de Risso (2006), mas acrescentando-se aqui a relevância da informação prosódica, que corrobora a análise da autora.

Verifica-se, dessa forma, que há mais um indício do funcionamento de *então* como sequenciador textual, na medida em que a informação prosódica indica qual o escopo do elemento, seja a Frase Entoacional ou um ou mais Enunciados Fonológicos, revelando assim como se organiza a estrutura interna do tópico. A distinção de escopo então não é mera questão sintática ou semântica, já que há conclusão nos dois casos, com estruturas semelhantes, diferenciando-se apenas no tamanho da porção discursiva abrangida. A marcação do escopo implica uma demonstração de como se organiza internamente o discurso, de forma a dar pistas de como estabelece elos entre as partes, tanto no âmbito frasal quanto no das relações textuais. Um teste de permuta do escopo pode revelar mais claramente essa distinção e as consequências provocadas pela mudança, como se pode observar na ocorrência.

Se considerada a possibilidade de estabelecer um nexo entre as duas orações "para o pessoal assistir que eu não assisti" e "*então* foi assim superlegal", tornando-as duas Frases Entoacionais dentro de um único Enunciado, a relação de conclusão não existiria e a ligação entre os segmentos seria outra; já considerando o domínio prosódico detectado na audição, que abrange toda a porção textual anterior, então há uma conclusão que fecha toda a argumentação precedente.

Dessa forma, conforme exposto, a forma *então* como articulador conclusivo aparece na estrutura interna, para fechar um tópico, demonstrando a organização do texto, caso em que uma porção textual é colocada no discurso para marcar o fim de um tópico, podendo indicar ideia de uma conclusão que arremata um ponto de vista. Assim, o articulador encabeça o fecho geral do discurso, reiterando o ponto de vista do locutor e, assim, *então* assume um valor argumentativo, marcando o posicionamento do locutor frente ao conteúdo exposto.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

O estudo ora apresentado reitera a importância de um estudo fonológico, nível de análise muitas vezes desconsiderado ao se tratar de relação entre partes de um texto, mas que se tem revelado altamente pertinente, como já apontam os estudos na linha da GTI.

A distinção estabelecida via análise prosódica corroborou a distinção de organização textual, aqui delimitada aos usos de *então* como juntor conclusivo. Outros estudos semelhantes podem ser empreendidos, na tentativa de se verificar se há também uma distinção de natureza prosódica quando esse item gramatical assume outras funções que não as estudadas aqui.

Mais uma vez se confirma a proposta de Jubran (2007) de que os segmentos tópicos deixam transparecer sua estrutura interna, por meio de marcas no início, meio e fim dos segmentos. Assim, o texto fica permeado de marcas de efetivação de estratégias comunicativas do falante, o que facilita a compreensão e, consequentemente, garante a interação comunicativa. Tais elementos são provas do processamento discursivo que perfaz a construção e organização de um texto.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

JUBRAN, C. C. A. Uma gramática textual de orientação interacional. In: CASTILHO, A. T. et al. (Orgs.). **Descrição, história e aquisição do português brasileiro**. São Paulo: Pontes, 2007.

LOPES, A. C. M. A semântica das construções com *portanto* no PE e no PB. **Scripta**, Belo Horizonte, v. 5, n. 9, pp. 203-218, 2000.

NESPOR, M. & VOGEL, I. **Prosodic Phonology**. Dordrecht-Holland: Foris Publications, 1996.

PEZATTI, E. G. O advérbio "então" já se gramaticalizou como conjunção? **DELTA: Documentação de Estudos em Lingüística Teórica e Aplicada**, São Paulo, v. 17, n. 1, pp. 81-95, 2001.

RISSO, M. S. Traços definidores dos marcadores discursivos. In: JUBRAN, C. C. A & KOCH, I. G. V. (Orgs.). **Gramática do português falado**, v. 1. Campinas: EdUnicamp, 2006.

TENANI, L. E. **Domínios prosódicos no Português do Brasil**: implicações para a prosódia e para a aplicação de processos fonológicos. Tese (Doutorado em Linguística). Instituto de Estudos da Linguagem, Universidade de Campinas, Campinas – SP, 2002.